



GT 42. Etnografias contemporâneas das diásporas médio-orientais na América Latina e no espaço global

Coordenador(es):

Gisele Fonseca Chagas (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Silvia Montenegro (CONICET)

Este grupo de trabalho pretende reunir pesquisadores que discutam os diferentes processos de construção de identidades no contexto das comunidades diaspóricas médio-orientais na América Latina, buscando incluir também as pesquisas daqueles antropólogos que realizam trabalho de campo sobre esses processos no Oriente Médio e no espaço global. O intuito é refletir sobre as dinâmicas locais e os fluxos transnacionais que envolvem essas configurações identitárias através do movimento e circulação de pessoas, instituições, objetos e ideias numa perspectiva etnográfica. O GT pretende trazer para o debate o papel da etnografia na compreensão das diferentes dimensões que abarcam tais processos e servir como espaço para troca de experiências de pesquisa e reflexões metodológicas sobre o estudo do islã e outras vinculações religiosas, as identidades e conflitos étnicos e nacionais, as questões de gênero e temas emergentes tais como refugiados, exilados e deslocados por guerras e conflitos recentes.

Monastérios melquitas e dinâmicas identitárias no Líbano

Autoria: Rodrigo Ayupe Bueno da Cruz (Egresso)

O objetivo deste work é destacar a importância dos monastérios da Comunidade Melquita como locais privilegiados para a vivência das diversas identidades mobilizadas pelos membros desta confissão no Líbano. A pesquisa foi realizada entre dezembro de 2014 e fevereiro de 2017, a partir da observação participante nas atividades monásticas desses espaços sagrados, principalmente no Couvent Saint-Sauveur, da ordem salvatoriana, e do Couvent Saint-Jean Baptiste, da ordem chouerita, que são considerados os mais importantes pelos membros desta comunidade religiosa. Os monastérios melquitas são instituições religiosas vinculadas à Igreja Greco-Melquita, que é uma das vertentes do Cristianismo Oriental. Estes espaços sagrados são aqui concebidos como lugares de interseção em virtude de serem locais performáticos de uma religiosidade de interseção no sentido de conectar dois referenciais normativos opostos do cristianismo: o católico e o bizantino. E no contexto libanês essa característica a coloca também em uma posição de interseção entre as comunidades cristãs mais importantes do país: a maronita, devido ao mesmo denominador católico, e a ortodoxa, pelo mesmo denominador bizantino. Essa religiosidade de interseção é formada por meio da prática da tradição ritual melquita, construída a partir do Rito Bizantino modificado pelas inovações latinizantes. A consequência disso é a atração de cristãos melquitas e não melquitas para esses lugares na medida em que a sua plasticidade atende as demandas de sujeitos com diferentes expectativas, tanto por um lado católico, pelo bizantino ou então pela combinação de ambos. Apesar desta religiosidade ser praticada em diversos espaços sagrados da Comunidade Melquita, os monastérios se tornam locais privilegiados para a atração multiconfessional em virtude da intensidade da performance ritual e de uma série de outras características tais como, a geografia local, o imagético e as virtudes eclesiásticas. O resultado da presença de diversas confissões, incluindo as muçulmanas, é a formação e a vivência de uma dinâmica identitária, a começar pela identidade melquita. Mas quando se trata da presença de membros de outras confissões cristãs, a identidade afirmada é a cristã. Já nas situações em que os muçulmanos estão presentes, as diferenças religiosas são momentaneamente superadas em nome de uma identidade nacional libanesa. Outra consequência dessa atração de fiéis de diversas confissões é a utilização política desses



lugares por parte de lideranças melquitas no intuito de fortalecer a sua comunidade na competição interconfessional através da promoção de uma identidade de conciliador entre as diferentes comunidades religiosas do Líbano.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: